

Cada ano que se celebra esta data, a reflexão que se faz é, principalmente, sobre as perdas e muito pouco sobre os ganhos que os trabalhadores tiveram nesses 365 dias que passaram.

Bertold Brecht num dos seus poemas, pergunta “quem construiu Babilônia?” E completa: “foram somente os reis?” Sobre Felipe da Macedônia diz que ele “conquistou o mundo” Indaga: “o fez sozinho?” Num contexto mais atual Chico Buarque de Holanda em sua música: “O operário em construção”, “um trabalhador caiu e morreu na contramão, atrapalhando o tráfego”. Parece que é assim que, na maioria das vezes, os trabalhadores e as trabalhadoras são percebidos numa sociedade injusta como a nossa.

Neste mundo globalizado, em que o modelo neoliberal desregulamentou as relações do trabalho, nada mais está garantido para os trabalhadores e as trabalhadoras. Desemprego, trabalho precarizado, “fazer bico”, “viver sempre apertado”; “passar fome, ter que roubar para comprar comida para os filhos”: são os novos conceitos e fatos que lemos nos jornais e revistas que tratam do assunto.

O trabalhador, na sua grande maioria é pobre. As causas disso estão em três situações: não há mais preocupações com o emprego, não se paga um salário condizente com a dignidade do trabalhador e não se leva a sério a segurança do trabalhador e de sua família.

Qual a visão que o capitalismo tem do trabalho e do capital? É visto como mercadoria segundo o preço estipulado pelos patrões (que, aliás, querem flexibilizar as leis mais ainda, mexendo na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Assim o trabalhador é visto como uma máquina na engrenagem da

produção. Ele é visto como alguém que produz, um instrumento de lucro e não como uma pessoa que trabalha.

As notícias sobre desemprego estão seguidamente nos jornais retratando a realidade brasileira e gaúcha. Na Região Metropolitana de Porto Alegre o desemprego subiu 0,8% e está em 15,8%, dados de março de 2002, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) em parcerias com outras entidades. Para a PED, são cerca de 12 mil novos desempregados, de um total de 269 mil. A queda do nível de ocupação foi de 1,9%, em março deste ano, a retração econômica eliminou 27 mil postos de trabalho. A renda média dos ocupados permaneceu estável, passou de R\$ 698 para R\$ 701,00. No Brasil, segundo o IBGE, o desemprego chegou a 7,1%. A renda média dos ocupados caiu, houve uma redução de 6,3%, hoje está em R\$ 762,51, o que corresponde um pouco mais de três salários mínimos.

Frente a essa situação, os trabalhadores e as trabalhadoras necessitam organizar-se mais ainda para fazer frente a essa situação através de seus sindicatos, centrais sindicais. A Universidade também tem um papel importante e deve contribuir com os trabalhadores organizando cursos, pesquisando sobre o mundo do trabalho. O Curso de Extensão "O Trabalho na virada do milênio", executado pelos Núcleos Locais da UNITRABALHO de oito universidades gaúchas, entre elas a UNISINOS, em parceria com a Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social (STCAS) é uma das atividades que recuperam o resgate com os trabalhadores e as trabalhadoras.

Texto redigido a pedido da coordenação do IHU pelo prof. Dáris Corbellini, articulador do grupo temático Trabalho do Setor Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo do IHU.

ACONTECE

Painel imperdível

Conflito na Palestina : *uma perspectiva de paz*

No dia 2 de maio, quinta-feira, às 20h, no Auditório Central, realizar-se-á o painel *Conflito na Palestina: uma perspectiva de paz*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, Centro de Ciências Humanas e com o apoio do DCE da UNISINOS e do Gabinete do Deputado Estadual Ronaldo Zulke.

Quatro painelistas estarão presentes. Três deles fizeram parte da Delegação do Fórum Social Mundial e da Via Campesina, em Jerusalém. Já o quarto painalista, Mário Lill, membro da direção do MST, foi um dos 40 voluntários internacionais que estiveram 22 dias presos no Quartel Geral do líder palestino Yasser Arafat, em Ramallah, na Cisjordânia. No dia 23 de abril Lill foi deportado por Israel.

Painelistas:

Ronaldo Zulke: deputado estadual (PT-RS)

Pe. Paulo Suess: teólogo e missiólogo

José Arbex Júnior: jornalista

Mário Lill: líder gaúcho do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Coordenador do painel: Inácio Neutzling – coordenador do IHU

A comitiva que esteve no Oriente Médio

Denúncias de atos de violência e de desrespeito aos direitos humanos no conflito do Oriente Médio têm suscitado protestos no mundo todo. Entidades e ativistas ligados ao Fórum Social Mundial - FSM acompanharam de perto a situação.

Uma comitiva de observadores internacionais, composta por representantes de entidades ligadas ao Conselho Internacional e ao Comitê Organizador do FSM e de outras instâncias sociais e políticas, foi para Israel no dia 11 de abril para acompanhar os desdobramentos dos acontecimentos no Oriente Médio.

A comitiva foi composta por:

- Michel Haradon - Shalom Salam Paz e Cives, representante do Comitê Organizador do FSM. (Brasil).
- Ronaldo Zulke - Deputado Estadual PT –RS (Brasil)
- José Arbex - Jornalista – representante do Comitê Organizador do FSM (Brasil)
- Pe. Paulo Suess – teólogo e missólogo – representante do CIMI e da Cáritas (Brasil)
- Gustavo Marin e Karine Goasmat, representante de Aliança por um Mundo Solidário Conselho Internacional do FSM. (França)
- Robert David – Alternatives, representante do Conselho Internacional do FSM. (Canadá)
- Pierre Beaudet – Alternatives, representante do Conselho Internacional do FSM. (Canadá)

No dia 15 de abril, a comitiva do FSM saiu da Palestina.

Acompanhe o relato final da viagem, escrito pelo Pe. Paulo Suess, que publicamos, na íntegra, a seguir:

TERRA EM TRANSE - POVO EM DESESPERO

Relatos e reflexões a partir de uma viagem a Jerusalém e territórios palestinos

A pedido do Fórum Social Mundial (FSM,) integrei uma pequena comitiva que partiu no dia 9 de abril, de São Paulo para Tel Aviv. À nossa comitiva brasileira do FSM se juntaram, em Jerusalém, outros companheir@s que vieram do Canadá, da França, de Israel e da Palestina. Nós voltamos com preocupações específicas: Mário Lill, membro da diretiva do MST, serviu de escudo humano para a proteção da vida de Iasser Arafat: esteve sitiado no Mukata, Quartel General (QG) da Autoridade Palestina, na cidade de Ramallah; o franciscano brasileiro, Marcos Antônio Koneski, está, junto com 260 pessoas entre religiosos e palestinos, entrincheirado na Basílica da Natividade em Belém; Sérgio Yani, israelense, participante do Fórum Social Mundial, de Porto Alegre, esteve preso porque se recusou a prestar serviço militar para o exército israelense de ocupação.

1. Questão de fundo

O problema de fundo entre Israel e a Palestina se chama disputa pela terra. No dia 14 de maio de 1948, foi proclamada a criação do Estado de Israel, e, no dia seguinte, os países árabes vizinhos invadiram a área de Israel. Desde 1948, Israel ganhou todas as guerras contra seus vizinhos. Em 1948, cerca de 800.000 palestinos foram forçados a deixar Israel. São os refugiados de Jenin, Nablus e tantos outros campos que se tornaram núcleos de

resistência. O resultado da guerra de 1948: O Egito ficou com a Faixa de Gaza, e a Jordânia, com a Cisjordânia. Jerusalém foi dividida entre Israel e a Jordânia. Na Guerra dos Seis Dias, de 1967, Israel conquistou a Península do Sinai e a Faixa de Gaza do Egito, a Cisjordânia, da Jordânia e as Colinas de Golã, da Síria. Em 1982, devolveu o Sinai ao Egito. Os acordos de Oslo, de 1993, não terminaram com a ocupação militar israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza que deveriam se tornar o novo Estado da Palestina. Iasser Arafat administra apenas vários enclaves nesta área. Continuam os assentamentos de israelitas no futuro Estado Palestino.

A disputa entre Arafat e Sharon é uma disputa entre Davi e Golias. Os 3,5 milhões de palestinos estão confinados na sua pobreza pré-moderna e num território de 6.257 km². A força de Israel não está no tamanho do seu território (20.770 km²), nem nos seus 6 milhões de habitantes, mas nos seus 3.800 tanques, nas suas 2.000 aeronaves de combate e nas suas armas estratégicas (biológicas, químicas, nucleares e mísseis). Ariel Sharon atua a partir de sua posição hegemônica (aliado dos Estados Unidos, com tecnologia e armas sofisticadas). Iasser Arafat está praticamente preso em seu QG, humilhado, em condições de precariedade organizacional, tecnológica e política. A única aliada da Palestina é a simpatia internacional, a solidariedade dos países do Sul, de alguns países árabes e a resistência do próprio povo.

2. Cenários de nossa visita

Desde que as tropas de Israel novamente invadiram a Palestina, no dia 29 de março de 2002, a população civil vem sendo atacada, sofre e morre. Sharon tem medo do processo de paz e não está disposto a reconhecer o Estado da Palestina, nem quer um encontro com Arafat, Presidente eleito (1996) da Autoridade Palestina.

2.1. Ramallah

Chegamos a Jerusalém no dia 10 de abril e entramos, no dia 11, por caminhos bastante difíceis na cidade de Ramallah, ocupada pelas tropas israelenses. Ramallah é uma cidade-cemitério, onde nós, estrangeiros, éramos os únicos a circular pelas ruas. Conversamos com o médico Jihad Mash'al, diretor geral da união dos comitês de socorro médico da Palestina, que nos permitiu ver os vestígios de massacres e arbitrariedades. Naquele dia da nossa visita a Ramallah, o governo suspendeu por três horas o toque de recolher, o que nos permitiu falar com o povo. Fomos ao centro da cidade, onde algumas mulheres fizeram a primeira manifestação na Ramallah ocupada. O ato começou com umas 20 mulheres - nossa delegação lá no meio -, bem diante dos tanques. Bastaram dez minutos, para que os soldados disparassem bombas de gás. Uma delas estourou bem perto de nós. Depois da manifestação, voltamos para Jerusalém, antes que o toque de recolher entrasse novamente em vigor. Por telefone, tivemos contatos diários com Mário Lill, dentro do QG de Arafat.

2.2. Jenin

Jenin é uma cidade e um campo de 15.000 refugiados ao norte da Cisjordânia. Tivemos notícias de que 500 pessoas foram mortas na ocupação de Jenin. No dia 18, o enviado da ONU, Terje Roed Larsen, declarou-se "horrorizado" com os relatos que ouviu no campo dos refugiados de Jenin. No dia 19 de abril, o Conselho de Segurança da ONU aprovou o envio de uma missão de investigação sobre a ação militar israelense em Jenin. Participamos, sábado, dia 13, de uma marcha de solidariedade com 6 mil pessoas (israelenses, palestinos, internacionalistas), acompanhando 40 caminhões com alimentos e objetos de primeira necessidade. Chegamos a um ponto, a 18 km de Jenin, onde iniciamos a passeata e encontramos o nosso pacifista Sérgio Yani, libertado no dia anterior. Na fronteira com Jenin, a manifestação foi barrada. O exército prometeu deixar o comboio de caminhões passar, desde que os manifestantes recuassem. Foi o que aconteceu. Em seguida, nossa

delegação procurou entrar em contato com os sobreviventes do massacre de Jenin. O nosso primeiro encontro aconteceu em uma escola. Ali encontramos duzentos sobreviventes, todos homens. A maioria deles não sabem se as suas mulheres, filhos e vizinhos estão vivos ou não. Contaram que os soldados israelenses chegaram dia 1º de abril, de madrugada, primeiro atacando com helicópteros Apache, espalhando o terror. Depois de algumas horas de ataque pesado de helicóptero, abriram fogo com mísseis e artilharia pesada. Ahmad fala em 51 mísseis. Em seguida, vieram os bulldozers, que começaram a derrubar as casas. A Comissão de Direitos Humanos da ONU condenou Israel, no dia 15 de abril, pelas mortes em massa.

2.3. Belém

Por causa do cerco fechado do exército, os nossos interlocutores nos desaconselharam de fazer uma visita a Belém, onde está o franciscano brasileiro, Frei Marcos Antônio Koneski. Com ele estão, desde 2 de abril, cerca de 260 pessoas sitiadas na Basílica da Natividade. A comunidade franciscana entrincheirada decidiu ficar no complexo da Basílica, até que haja uma solução pacífica também para os palestinos abrigados no mesmo espaço. A maioria deles pertence ao governo local de Belém (o governador, sua administração e defesa). O grupo está sob a ameaça diária de invasão do exército. Durante a noite, os soldados ligam os alto-falantes. É uma parte da guerra psicológica. O Santuário de Belém e o QG de Ramallah são os únicos lugares que o exército ainda não invadiu. Os frades pedem um empenho especial junto à comunidade judaica no mundo inteiro. Achem que a pressão destas comunidades sobre Sharon pode viabilizar a retirada das tropas de ocupação.

3. A proposta

A proposta de muitos grupos, inclusive do grupo israelense, como "Shalom agora", aponta para a aceitação dos seguintes itens:

1. Israel deve concordar com as fronteiras de 1967;
2. Jerusalém deve ser uma capital binacional, dividida entre israelenses e palestinos;
3. Os refugiados devem receber indenização ou o direito de retorno para os lugares de onde foram expulsos;
4. Uma força internacional é indispensável para garantir a paz na região (tropas da ONU). Nestes dias, a morte é a companheira de estrada do povo palestino. Como manter viva a esperança nesta terra em transe? Na "terra que está deserta e vazia" (Gn 1,2), vi crianças brincando nas ruínas. Seu sorriso - além da solidariedade, da intervenção internacional e da resistência dos palestinos - é "promessa de um novo mundo". Paulo Suess. (Estes e outros relatos da viagem encontram-se no sítio do Fórum Social Mundial: <http://www.forumsocialmundial.org.br/>)

Dialética e Auto-Organização

Nos dias 6, 7 e 8 de maio, das 9h às 18h30min, acontece, no Auditório Maurício Berni, no Centro de Ciências Jurídicas da Universidade, o *Congresso Internacional Dialética e Auto-organização*. O evento pretende reunir professores e pesquisadores, principalmente aqueles que integram o GPI-Dialética, das Universidades UNISINOS (São Leopoldo), PUCRS (Porto Alegre), UCS (Caxias do Sul), UFC (Fortaleza), UPF (Passo Fundo) e outras, para debater, num fórum ampliado por professores de outras partes do Brasil e do exterior, o tema *Dialética*

e Auto-organização, conceito central tanto nas filosofias do neoplatonismo *causa sui*, como nas ciências empíricas contemporâneas, sem o qual não se pode fundamentar liberdade, em Filosofia; sociedade, em Sociologia; organismo, em Biologia.

Dirigido a professores e estudantes de pós-graduação nas áreas de Filosofia, Biologia, Física, Sociologia, Direito, Administração, Psicologia, Pedagogia, em que a Teoria de Sistemas vem sendo aplicada.

IHU On-Line conversou sobre o evento com o Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, Coordenador do PPG-Filosofia, um dos organizadores do evento.

IHU On-Line — Como surgiu a iniciativa dos Congressos de Dialética?

Marcelo Aquino — Os Congressos de Dialética começaram em 1998. O primeiro foi na PUCRS sobre *Dialética e Contradição*. O segundo, em 1999, foi sobre *Dialética e Liberdade*. Em 2000, foi *Dialética- Ética e Justiça*. No ano passado, foi o primeiro na UNISINOS, com o tema *Dialética e Hermenêutica*. Foi uma iniciativa do Grupo interinstitucional de Pesquisa Integrada em Dialética (GPI-Dialética). O maior impulsionador foi o Prof. Dr. Carlos R.V. Cirne Lima. A iniciativa desse evento partiu da consciência de que a construção do pensamento é transdisciplinar. Por isso, os congressos giram em torno da área da Filosofia, da Dialética e outras áreas.

IHU On-Line — Por que a escolha *Dialética e Auto-organização* como tema deste ano?

Marcelo Aquino — O problema da interpretação do pensamento pode ser desde a perspectiva da liberdade ou da necessidade. As duas opções geram conseqüências diferentes na forma em que a sociedade se organiza. O conceito de *causa sui* é, na filosofia, uma ponte na concepção da auto-organização. Na realidade, mais uma vez o Congresso é resultado de um GPI que tem um pé na grande tradição filosófica e um pé nas grandes questões candentes desta época.

IHU On-Line — Quais são as suas expectativas em relação ao evento?

Marcelo Aquino — Minha expectativa é que a UNISINOS se sensibilize para estas questões importantes, e este evento ajude a conhecer a Universidade como uma instituição com capacidade de gerar conhecimento nesta área.

Confira a programação completa do evento:

Dia 06/05/2002 - segunda-feira

8h30min às 9h - Credenciamento

9h - Abertura - Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, Coordenador do PPG-Filosofia - GPI-Dialética - UNISINOS

9h10min - Conferência: *O que é auto-organização?* Prof. Dr. Carlos R. V. Cirne Lima - GPI-Dialética - UNISINOS

11h - Conferência: *Auto-organização - perguntas e soluções* - Prof. Dr. Paulo Margutti Pinto - UFMG

12h - Debates

12h30min - Intervalo

Das 14h às 18h30min - Grupos de Comunicações

1 - Auto-organização e *causa sui* – Prof. Dr. Inácio Helfer - GPI-Dialética – UNISINOS

2 - Auto-organização nas ciências exatas – Prof. Dr. Eduardo Luft – GPI-Dialética – PUCRS

3 - Auto-organização e sistema – Prof. Dr. Luiz Rohden - GPI-Dialética - UNISINOS

Dia 07/05/2002 – terça-feira

9h – Mesa-redonda: Auto-organização na Filosofia e na Cosmologia

Palestrantes: Prof. Dr. Manfredo A. de Oliveira - GPI-Dialética - UFC, Prof. Dr. Eduardo Luft - GPI-Dialética - PUCRS e Prof. Dr. Custódio Almeida - GPI-Dialética - UFC

10h30min – Intervalo

11h: Debates

12h30min - Intervalo

14h – Mesa Redonda: Auto-organização e autocausação em Hegel

Palestrantes: Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino – GPI-Dialética – UNISINOS, Prof. Dr. Daniel Brauer – Universidade de Buenos Aires e Prof. Dr. Inácio Helfer – GPI-Dialética – UNISINOS

15h30min – Intervalo

16h – Debates

17h – Continuação dos Grupos de Comunicações

Dia 08/05/2002 – quarta-feira

9h – Mesa Redonda: Auto-organização e sistema, hermenêutica, arte

Palestrantes: Prof. Dr. Antônio C. K. Soares – GPI-Dialética – UCS, Prof. Dr. Jayme Paviani, GPI-Dialética – PUCRS, Prof. Dr. Luiz Rohden – GPI-Dialética – UNISINOS e Prof. MS Sérgio Sardi, GPI-Dialética – PUCRS

10h30min – Intervalo

11h – Debates

12h30min – Encerramento

Crise da água

De 17 de agosto a 28 de setembro, acontece o Curso *A crise da água*, com o objetivo de capacitar e discutir com estudantes e profissionais, ligados às áreas de meio ambiente e recursos hídricos, os problemas relacionados à atual crise da água em diferentes perspectivas, recursos, qualidade e saúde ambiental, ecossistemas, energia, agricultura, desenvolvimento econômico e político de recursos hídricos. O evento oferece uma revisão crítica baseada em dados científicos dos problemas relacionados à água, além de proporcionar dados detalhados da abundância e do uso e aproveitamento deste recurso pela população humana. O curso reunirá profissionais e estudantes de Biologia, Educação, Direito e Geologia. O ministrante é Leonardo Maltchik, doutor em Ecologia pela Universidade Autônoma de Madrid, professor de Ecologia do Programa de Pós Graduação em Biologia da UNISINOS e pesquisador do CNPq.

CF 2004 pode ser sobre água

A Comissão Pastoral da Terra (CPT), em sua última assembleia nacional, propôs fazer uma campanha para que a CF/2004 reflita sobre o tema da água. A CPT, juntamente com outras pastorais e organizações da sociedade civil, há tempo vem debatendo o tema, especialmente a partir de seu trabalho no semi-árido brasileiro. O mesmo vale para Cáritas, em seu grande mutirão pela construção de 1 milhão de

cisternas. (Lembramos que todos podem ajudar nessa campanha através da página www.cliquesemiarido.org.br). A Pastoral dos pescadores também têm insistido pela defesa desse tema, uma vez que a sobrevivência dos pescadores está intimamente relacionada com a qualidade da água e do ar, com a preservação do meio ambiente e com o respeito a todas as formas de vida (biodiversidade). Assim, pedimos aos colegas do IHU que quiserem considerarem importante este tema para uma Campanha da Fraternidade que enviem uma mensagem, neste sentido para o seguinte e-mail: pastoralsocial@cnbb.org.br

Como já foi noticiado neste boletim, a coordenação do IHU está discutindo e consultando vários pesquisadores/as, organizações não governamentais e colegas da UNISINOS sobre a possibilidade e viabilidade da realização de um Simpósio Internacional, em 2003, sobre a Água.

Programa a União Faz a Vida

O programa *A União Faz a Vida* está sendo implantado em 12 novos municípios. O convênio com o Sistema de Crédito Cooperativo (SICREDI), parceiro do programa, está sendo assinado na próxima semana. Com essa nova extensão, a proposta de educação cooperativa para Escola de Ensino Fundamental abrange 52 municípios gaúchos, 1151 educadores e 14.520 alunos, atualmente. Trata-se do maior projeto educacional cooperativo de América Latina. A implantação acontece por meio de cinco seminários ministrados pelo Setor de Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo, do IHU. O *IHU On-Line* conversou com o Prof. Vergílio Frederico Périus, colaborador do programa.

IHU On-Line- *Como surgiu a “Proposta de educação cooperativa para a escola do Ensino Fundamental: A União faz a vida?”*

Vergílio Perius- Entre 92 a 94, elaboramos o projeto junto com outros professores da área de Cooperativismo e de Pedagogia. O Cooperativismo queria encontrar uma forma de ensino diferente, uma prática pedagógica que transmitisse valores. A UNISINOS foi a construtora acadêmica do programa *União faz a vida*, em parceria com o SICREDI. Eles financiam, e nós fazemos.

IHU On-Line- *Por que a escolhe do Ensino Fundamental para a aplicação do programa?*

Vergílio Perius- O programa desenvolve-se com professores e crianças do ensino fundamental, porque são os mais numerosos. São 1.633.000 alunos e 125 mil professores no primeiro grau, no RS. Já no segundo grau, são 227 mil alunos e 30 mil professores. O programa não ensina conceitos de cooperativismo, e sim transmite valores através de práticas pedagógicas. Os participantes aprendem cooperação, participação, senso de justiça, solidariedade desde seus primeiros anos de vida. Por outro lado, as crianças passam, e os professores permanecem. Calculamos que, desde que iniciou, até hoje, o programa deve ter atingido 54 mil crianças gaúchas.

IHU On-Line- *Qual o segredo que faz o programa se espalhar tão rapidamente e com sucesso?*

Vergílio Perius- O sucesso do programa está no envolvimento de todos os professores de ensino para fazer práticas pedagógicas de cooperação. Motivados, os professores o transmitem aos alunos,

e eles sentem uma diferença pedagógica muito grande. Se os professores não se encantassem com o programa, ele fracassaria.

IHU On-Line- De que maneira se realizam essas práticas cooperativistas?

Vergílio Perius- Em tudo se propõe a cooperação e não a concorrência. Por exemplo, os professores de Educação Física aplicam a teoria da cooperação no jogo de futebol. Eles valorizam os passes, a arte do jogo de equipe, o respeito às regras combinadas, etc. Aulas práticas de agricultura, é outro exemplo. Alunos e professores cuidam de uma horta, colhem juntos, plantam árvores.

IHU On-Line- Além das práticas cooperativas em sala de aula, é incentivada concretamente a criação de cooperativas?

Vergílio Perius- Sim, faz parte do programa o incentivo à criação de cooperativas escolares. Em Cachoeirinha, por exemplo, foi criada uma cooperativa de dança de crianças cegas. Só em Santo Cristo, primeiro município a aplicar o Programa, nasceram quatro cooperativas. Uma delas é para plantar sementes nativas ao longo das estradas vicinais. Ainda em Santo Cristo, houve uma experiência bem singular. Os alunos decidiram fazer uma cooperativa para recuperar as margens de um rio que eram ocupadas por jovens viciados em drogas. As crianças com seus pais começaram a acampar lá, nos finais de semana, e esses grupos começaram a se retirar. Hoje é um ponto turístico da cidade. O prefeito de Santo Cristo disse que as crianças conseguiram um milagre que ele tinha tentado e não tinha conseguido.

IHU On-Line- Cooperativas geram uma renda diferente?

Vergílio Perius- A geração de renda propriamente dita está em segundo plano; o que ela tem de gerar é solidariedade, produzir lideranças. O interessante dessas cooperativas espontaneamente criadas pelas crianças é que faz com que elas se reúnam, discutam e tomem iniciativas. Por trás desse trabalho, há uma teoria construtivista, holística e não bancária, onde os alunos assistem passivamente as teorias do professor ou vídeos sobre assuntos diversos.

IHU On-Line- O grupo tem acesso às avaliações feitas pelos diversos municípios onde foi implantado o *A União faz a Vida*?

Vergílio Perius- As mudanças dos professores são visíveis pelos alunos imediatamente. Vários deles escreveram nas avaliações que notaram logo que seus professores estavam mais entusiasmados e traziam sempre uma novidade. A avaliação das crianças é amplamente positiva. Os alunos têm escrito cartas, poemas, desenhos a respeito do projeto, como é o caso de um criança de 10 anos do Município de Nova Palma, que escreveu: “A escola era muito sem graça. Agora está tudo diferente. As professoras estão mais alegres, e a gente está fazendo uns trabalhos muito legais. Todo mundo está gostando, e a gente está muito feliz...”

Controle social

A UNISINOS, através do Curso de Serviço Social, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas (PPGCSA) e do Instituto Humanitas Unisinos, está participando da construção de um projeto de pesquisa, cujo tema é **Controle Social, Políticas Sociais e a Ampliação Social** em parceria com a Cáritas Brasileira, Instituto Nacional de Estudos Sócio-Econômicos (INESC), Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia (IEPG/EST).

O principal objetivo deste trabalho é *analisar de que forma o exercício do controle social nas políticas sociais pode interferir para a ampliação da cidadania como mediação para um novo projeto societário.*

A experiência piloto da pesquisa será realizada no Rio Grande do Sul, a partir da aproximação com a política de assistência social. A UNISINOS realizará a pesquisa junto aos municípios do Vale do Rio dos Sinos e comporá a amostra do estado com os resultados dos municípios de São Leopoldo e Santo Antonio da Patrulha, juntamente com as cidades de Pelotas, Canguçu, Santa Maria e Ivorá.

Laboratório de Políticas Sociais

Esta pesquisa contribuirá, juntamente com as outros trabalhos de investigação já realizadas e em realização pela graduação e pós-graduação, na consolidação do LABORATÓRIO DE POLÍTICAS SOCIAIS. Este laboratório pretende ser um importante espaço de construção de conhecimentos e de práticas voltadas às políticas sociais, articulando com isso as demandas e possibilidades societárias e acadêmicas.

Tudo isso implica em muito trabalho, que já tem uma agenda interna na UNISINOS – 9 de maio das 9 às 12horas no Instituto Humanitas e externa, com os demais parceiros – 26 de julho, das 10 às 17horas na UNISINOS.

Cooperativas Habitacionais

No dia 20 de abril, aconteceu o *I Seminário Municipal das Cooperativas Habitacionais de São Leopoldo*, que foi organizado pelo Fórum de cooperativas habitacionais de São Leopoldo. O professor Geraldo Schweinberger, que trabalha no grupo temático Cooperativismo do Setor Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo, representou o IHU. Os objetivos do encontro foram discutir políticas habitacionais para o município; intercambiar experiências; pensar na criação do Conselho Municipal de Habitação e seu respectivo Fundo e criar um espaço permanente de discussão e fortalecimento do movimento cooperativista. Marcaram presença o Deputado Federal Ary Vanazzi e Bernadette Konzen, Secretária de Habitação do Estado.

Obra de Verbetes em Economia Solidária

Num esforço coletivo, economistas, sociólogos, pedagogos, engenheiros, biólogos, filósofos editarão um livro referência contendo o A ao Z da economia solidária. Autogestão, comércio justo, dádiva, moeda social, trabalho emancipado são alguns dos 40 verbetes que comporão a estrutura básica da obra, prevista para inícios de 2003.

O projeto foi consolidado dia 26 de abril, na UNISINOS, após o *I Seminário de Economia Solidária*, organizado pelo UNITRABALHO, prefeitura de Porto Alegre, Governo do Estado do RS e Departamento de Sociologia da UFRGS.

A iniciativa foi motivo de alegria, porque existem diferentes demandas sobre o tema. “Falta uma compreensão madura e um entendimento mútuo entre os envolvidos com o tema, porque há muito “oba-oba”. Por outro lado, temos uma carência de utopias, e as pessoas que se juntam, querem saber mais. Além disso, fazer esse livro é uma oportunidade de interagir e criar um patamar para consolidar nosso trabalho e gerar políticas públicas”, ressalta o economista e professor da UFSC, Armando Lisboa.

A educadora e prof^a. da Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), Lia Tiriba, acrescenta outros elementos: “Temos muitas experiências atomizadas. Precisamos reconhecer-nos como setor trabalho.”

IHU On-Line fez uma pergunta ao economista Armando Lisboa, que estará participando do *Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade. Por uma ética na economia e na política do Brasil*, a ser realizado de 25 a 27 de junho, e ao Secretário de Desenvolvimento e Assuntos Internacionais do RS, Sérgio Kapron.

IHU On-Line — Quais as principais questões em Economia Solidária?

Armando Lisboa — Diria que é a solidariedade. Ela é a essência da relação humana que explicita nosso laço vital. Ela faz parte da condição humana, nos une. Perguntaria: O que faz com que nos relacionemos com pessoas não ligadas a nós por laço parental, de amizade ou outros? Mas nós nos relacionamos e se não percebermos o que nos une, implodimos. Precisamos descobrir o que nos une como espécie. Não podemos cair num indiferentismo total. Os animais também têm instinto materno e se unem para sobreviver. Mas para nós, isso não basta. Então, ou desenvolvemos a solidariedade ou não a teremos.

Sérgio Kapron — São muitas, mas destaco duas: reconhecimento institucional e uma nova cultura. Em relação à primeira, é necessário um reconhecimento institucional da cooperação. A relação não-competitiva traz vantagens sociais, como a distribuição do trabalho e uma inclusão na renda; possibilita uma estrutura de financiamento e facilitação do acesso aos meios de produção, técnicas e tecnologias. Quanto ao segundo ponto, é necessário criar condições de dar vazão à produção. Os trabalhadores devem ser capazes de mudar sua estrutura mental (empregado-patrão). É necessário que, desde a educação básica, a formação ocorra em outros moldes. Os cursos de administração, por exemplo, não desenvolvem o tema da autogestão.

Encontro *Inter-religioso*

O Programa GDIREC (Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo) iniciou, na última quinta-feira, dia 25 de abril, uma nova frente de atividades denominada: “**Grupo permanente de estudos e reflexões com lideranças e representantes religiosos locais**”. Estiveram presentes na reunião: *Líderes religiosos*: Pe. Jessé Castro Ramos (Episcopal Anglicana), Rafael Gue Martini (Santo Daime), P. Mário Tessmann (IECLB), Maria Odete da Silva (Católica e Umbanda), Sac.Aguida Guiomar Pires (Umbanda) Cac.Eloy Saldanha (Umbanda), Ir. Antônio Dias (Espírita Kardecista), Pe José Ivo Follmann (Católica Romana), coordenador do encontro; *Integrantes da equipe de pesquisa*: Adevanir Aparecida Pinheiro (Assistente de Pesquisa), Otília Gomes Freires e Débora Bauermann (Estagiárias), Tiago da Silva César (Bolsista), Ir. Inácio José Spohr (Professor colaborador); *Outros integrantes do Programa*: Carolina Cerveira e Lauro de

Souza; *Professores*: Cleide Rohden (Centro de Ciências Humanas) e Maria Alice Hentges e Silva (Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas).

O encontro foi muito proveitoso e estabeleceu um clima favorável e profundamente participativo em torno do objetivo desta iniciativa que é o de “manter relação dinâmica e criativa com as lideranças religiosas do contexto concreto da Universidade, sendo pólo dinamizador de conhecimento mútuo e de encontros de estudo e aprofundamento sobre a diversidade religiosa e sua incidência na sociedade”.

Definiu-se, em comum acordo, uma agenda de encontros mensais ao longo deste ano, com datas definidas até dezembro.

Os encontros estarão divididos em três partes: 1) Exposição de alguém sobre os fundamentos de sua opção religiosa; 2) Esclarecimentos e troca de idéias sobre a exposição; 3) Aprofundamento de alguma temática de agenda comum. Para os primeiros três encontros, foram definidos os seguintes temas:

- Dia 23/05, com início às 8h30min: Rafael Gue Martini e os fundamentos da Igreja Culto Eclético Universal Fonte da Luz (Santo Daime); Aspectos de uma história das religiões ou a questão dos fundamentalismos (palestrante provável: Prof. Martin Dreher);
- Dia 20/06, com início às 8h30min: Pe Jessé Castro Ramos e os fundamentos da Igreja Episcopal Anglicana; Aspectos da história do protestantismo (palestrante provável: P. Mário Tessmann);
- Dia 18/07, com início às 8h30min: Sac. Águida Guiomar Pires e os fundamentos da Umbanda e do Centro de Umbanda Seara de Preta Velha Zimba do Congo; *O ‘mundo das religiões’ em São Leopoldo* (sob a responsabilidade do Prof. José Ivo Follmann e equipe de pesquisa).
- As demais datas já marcadas são: 15/08; 19/09; 17/10; 21/11 e 19/12.

Por decisão do próprio grupo reunido, a participação nestes encontros será limitada aos convidados, pois a intenção é garantir uma continuidade na produção do conhecimento, o qual não deverá ficar exclusivo do grupo, mas terá momentos de repercussão e diálogo com públicos mais amplos. (Carolina Cerveira e J. Ivo Follmann)

CNBB

Na edição anterior do *IHU On-Line* foi anunciada a publicação do documento *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e a fome*, elaborado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunida em sua 40ª Assembléia Geral, de 10 a 19 de abril, em Itaipava/SP. No documento, os Bispos propõem a realização de um grande mutirão para superar a miséria e a fome. Transcrevemos o nº 63 que enumera algumas propostas concretas. Lembramos que o documento completo pode ser acessado no site www.cnbb.org.br.

“Dentre os projetos mais afins ao Mutirão Nacional destacam-se: a campanha pela construção de um milhão de cisternas no semiárido brasileiro; a Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e pela Vida; o Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional; a campanha nacional pelo limite máximo da propriedade da terra; a campanha pela aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas; a campanha pela participação consciente no processo eleitoral; a criação de comitês da lei 9840

contra a corrupção eleitoral. Some-se a isso o empenho pela articulação em defesa da soberania nacional e da segurança alimentar, ameaçadas por tratados continentais e internacionais”.

Eventos IHU

Paulo Suess no *IHU Idéias*

O mal-estar do encontro e a terra sem males

O Pe. Paulo Suess estará participando do evento *IHU Idéias* na quinta-feira, dia 2 de maio, na sala 1C103. Nascido em Colônia (Alemanha), em 1938, o Pe. Paulo foi ordenado sacerdote em 1964. Estudou na Universidade de Munique, Lovaina e Münster, onde se doutorou em Teologia Fundamental. Por dez anos, trabalhou na Amazônia e, a partir de 1979, exerceu o cargo de Secretário Geral do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Em 1987, fundou o Departamento de Pós-Graduação em Missiologia, em São Paulo. Atualmente, é assessor teológico do CIMI e presidente da Associação Internacional de Missiologia (IAMS).

Entre suas publicações: *Catolicismo Popular no Brasil* (Grünwald/Loyola 1979), *A Conquista Espiritual da América Espanhola* (Vozes 1992), *La Nueva Evangelización* (Abya Yala 1993), *Evangelizar a partir dos Projetos Históricos dos Outros* (Paulus e Abya Yala 1995), *Travessia com Esperança* (Vozes 2001), *Weltweit artikuliert, kontextuell verwurzelt. Theologie und Kirche Lateinamerikas vor den Herausforderungen des 'dritten Subjekts* (Frankfurt, Iko, 2001).

Tema: O mal-estar do encontro e a terra sem males

Local: Sala 1C103

Horário: 17h30 às 19h

Será servido um suco de laranja e um chocolate quente.

Próximas atividades do *IHU Idéias*

09 de maio — apresentação do livro, em três volumes *História do Rio Grande do Sul dos Dois Primeiros Séculos* de autoria do Pe. Carlos Teschauer e re-editado pela Editora Unisinos. A obra será apresentada pelo Prof. Luiz Osvaldo Leite da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Carlos Teschauer (1851-1930), sacerdote Jesuíta nasceu na Alemanha e viveu cerca de cinquenta anos em São Leopoldo, RS. Teschauer é considerado o “pai da historiografia gaúcha”. Este texto clássico sobre história do Rio Grande do Sul em três volumes, que tiveram sua primeira edição entre 1918 e 1922 pela livraria Selbach de Porto Alegre, tem agora sua segunda edição lançada pela Editora Unisinos. A versão conta com notas do historiador Arthur Rabuske, responsável também pela atualização ortográfica do texto e pela tradução dos documentos.

16 de maio — apresentação do livro *Analíticos e continentais. Guia à filosofia dos últimos trinta anos*, de Franca D'Agostini e traduzido pelo prof. Benno Dischinger e editado pela Editora Unisinos. O livro será apresentado pela Profa. Ana Carolina Regner da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

23 de maio — Aquífero Guarani: o grande manancial do CONE SUL, com o Prof. Heraldo Campos.

Livros & Artigos

LIVRO DA SEMANA

DEJOURS, CHRISTOPHE. *Travail, usure mentale. Essay de psychopathologie du travail*. Nouvelle édition augmentée. Paris: Bayard, 2000.

Christophe Dejours é professor de Psicologia no Conservatório Nacional de Artes e Ofícios (CNAM), psicanalista e psiquiatra. Autor, entre outros, do livro *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. Celebrando a festa do dia do trabalhador, publicamos a tradução da entrevista concedida pelo autor ao jornal francês *Libération*, 16-01-02. A tradução foi feita pelo Centro de Pesquisa e Apoio ao Trabalhador – CEPAT – que está publicando um número especial do boletim *CEPAT Informa*, por ocasião do dia 1º de maio, sobre a *Mutação do Mundo do Trabalho*.

Libération - Você afirma que o progresso técnico não livra o homem dos riscos do trabalho sobre a saúde, mas que ele a agrava. Isso pode parecer paradoxal...

Dejours - É verdade que é muito contraditório, e, sobretudo, muito inesperado. Pensava-se que, com a robotização e a automatização, poder-se-ia livrar os seres humanos da parte mais prejudicial, mais danosa do trabalho, e, na verdade, observou-se o contrário. Novas patologias apareceram, novos sofrimentos foram revelados e algumas formas de patologias que conhecíamos outrora se desenvolveram muito. As coisas pioraram mais para o lado da saúde mental. De fato, o que existe é a robotização e a automatização, mas, na verdade há uma profunda modificação daquilo que se chama organização do trabalho. Houve uma profunda transformação em tudo e dificilmente se pode separar os novos métodos de organização do trabalho, dos novos métodos de gestão e dos novos métodos nacionais de direção das empresas. O resultado de tudo isso é que vemos aparecer em massa um aumento das patologias ditas de sobrecarga. O mais preocupante hoje é o que diz respeito aos distúrbios músculo-esqueléticos que chamamos de lesões por esforço repetitivo. Eles conheceram um verdadeiro alastramento epidemiológico por todo o mundo ocidental, o mundo industrial em particular. São patologias dos músculos, dos tendões, das juntas e das extremidades, com inflamações, infiltrações dos tecidos, que conduzem a parestesias e a distúrbios neurológicos. É uma patologia do corpo (que se manifesta no corpo), e que não está ligada exclusivamente às tarefas de manutenção. O número das pessoas que são atingidas por isso é surpreendentemente grande.

Libération - Quais são as razões desse alastramento?

Dejours - Estas patologias não são explicáveis, se não se levar em conta o que se passa do ponto de vista psicológico. A primeira explicação é que o aparelho psíquico é atingido de um modo muito particular pelas novas formas de organização do trabalho. Quando se gera este tipo de distúrbio no aparelho psíquico, ele favorece o aparecimento de doenças do corpo, o que aumenta a vulnerabilidade da pessoa às patologias do corpo e não às patologias mentais. A segunda razão, pela qual estes distúrbios pioraram muito quantitativamente, é que, de fato, a carga de trabalho aumentou. Os constrangimentos do trabalho e, em particular, os ritmos, aumentaram muito. É preciso admitir que é extremamente surpreendente e paradoxal, mas, nestas novas formas de organização do trabalho, há ingredientes que permitem fazer com que as pessoas façam ainda mais do que faziam antes.

Eu estou tentado a crer que esta evolução não está inelutavelmente ligada ao progresso técnico. A evolução das técnicas, especialmente da automatização, da informatização e da robotização, abre possibilidades para renovar o trabalho e a relação com o trabalho. Pode-se muito bem considerar que estas novas técnicas sejam outros tantos pontos de encontro possíveis para melhorar a relação entre o indivíduo e o trabalho, entre a subjetividade e o trabalho. E assim, tornar o trabalho muito mais interessante do que era durante boa parte do século XX, ao menos para as tarefas desqualificadas. É verdade que o ponto de encontro com as novas tecnologias, desse ponto de vista, foi perdido. Do ponto de vista do médico, do psicólogo ou do psiquiatra, ele está igualmente perdido. *Está claro que estes novos recursos foram postos a serviço de um aumento de constrangimentos. Tudo foi posto a serviço de uma única coisa: fazer as pessoas trabalhar de um modo mais intenso em proveito da intensificação do trabalho* e não da complexificação do trabalho, de uma certa flexibilidade e talvez também de uma certa qualidade.

AS MULHERES SÃO MAIS VULNERÁVEIS ÀS DOENÇAS DO TRABALHO

Libération - Estas novas patologias atingem mais os homens que as mulheres?

Dejours - Em termos de patologia e epidemiologia, quer dizer, de patologia macroscópica, as patologias não são as mesmas e não se desenvolvem do mesmo modo segundo os sexos. As mulheres são muito mais vulneráveis a estas doenças que os homens. Percebe-se que os constrangimentos no trabalho, em termos de organização, com as quais as mulheres se confrontam, são diferentes dos constrangimentos encontrados pelos homens. *Elas sempre têm as tarefas mais desqualificadas*. Hoje, praticamente só existem mulheres no trabalho sob constrangimentos de tempo. Estas divergências são evidentemente tributárias das relações de dominação dos homens sobre as mulheres, isso que se chama de relações sociais de gênero, que são sempre, ao mesmo tempo, relações sociais de trabalho e que fazem com que as mulheres sejam colocadas nas situações mais difíceis, mais coercitivas e mais prejudiciais à saúde.

ARTIGO DA SEMANA

VENEZUELA: O GOLPE

SOSA, ARTURO. “*Del choque de trenes al programa minimo*”. Venezuela - 4-14 de abril de 2002”

Arturo Sosa é cientista político. Foi diretor do Centro Gumillas de Caracas (o Centro Gumillas é o CIAS da Venezuela. Para saber algo sobre os Centros de Investigación y Acción Social – CIAS – e a relação do Instituto Humanitas

Unisinos com esta proposta confira o "livrinho verde", intitulado *Instituto Humanitas Unisinos. Gênese e Missão*. (O texto está disponível na secretaria do IHU). Atualmente, Arturo Sosa é o superior provincial dos jesuítas da Venezuela.

Alguns extratos do artigo: “Entre el 4 y el 14 de Abril de 2002 la sociedad venezolana ha vivido una sacudida política de dimensiones comparables a un choque de trenes de alta velocidad. Convertir esta sacudida en aprendizaje para el futuro requiere una reflexión colectiva que comienza por intentar la comprensión de lo sucedido y hacer sucesivos análisis para comprender sus implicaciones. Estas líneas se escriben a pocas horas de la re-instalación de Hugo Chávez en la Presidencia de la República, cuarenta y ocho horas después de su derrocamiento, cuando la sociedad venezolana empieza a tomar conciencia de lo sucedido y sacar sus consecuencias.

El decreto constitutivo del gobierno *de facto* tiene una base muy frágil. Sus “considerandos” no ofrecen basamento jurídico consistente. La designación del Presidente transitorio y las demás medidas son firmadas por una escasa “élite”: el propio Carmona Estanga y un representante de la Iglesia Católica, Sector Empresarial, Fedecámaras, Consecomercio, Asociación Bancaria, Medios de Comunicación Social privados, ONG, Partidos Políticos y Gobiernos Regionales. Sumando al Presidente Carmona, son seis firmas de “empresarios”, una ambigua (ONG), dos políticas y la eclesiástica. Estaba prevista la firma de un representante de la CTV quien se negó a firmar en desacuerdo con los contenidos del decreto y las características con las que se integra el gobierno provisional”.

Sobre a participação do cardeal de Caracas, Sosa escreve: “Firmó este documento de aval del golpe el Cardenal Ignacio Velasco, Arzobispo de Caracas. No consta que lo haya hecho en “representación” de la jerarquía eclesiástica. Más bien, fue una decisión propia. La “representatividad” vendría de su investidura cardenalicia. Desde el punto de vista político es muy difícil de justificar la firma del Cardenal en este documento. En primer lugar por lo que significa de participación directa en un acto político, comprometiendo a la institución eclesiástica. En segundo lugar, por la naturaleza del decreto usado para intentar darle piso político y jurídico a un golpe militar en complicidad con sectores empresariales. No sería de extrañar fuertes reacciones críticas tanto dentro como fuera de la Iglesia”.

Caracterizando o golpe, o Arturo Sosa escreve: “Si hubiera que caracterizar la situación derivada de la detención de Hugo Chávez y el nombramiento, por parte del Comandante del Ejército, de un Presidente Provisional, hay que decir que es un golpe de Estado militar, incruento, que pone como fachada un Presidente civil, con poderes dictatoriales¹, sin otro contrapeso que la cúpula militar en el ejercicio del poder. Se trató, sin duda, de una ruptura abrupta del orden constitucional. A excepción de los Estados Unidos, ningún país latinoamericano o europeo reconoció el gobierno provisional presidido por Carmona Estanga. De inmediato se pensó en la necesidad de invocar la aplicación de la Carta de la Democracia suscrita por Venezuela como miembro de la Organización de Estados Americanos (OEA). El gobierno provisional quedó, entonces, internacionalmente aislado y los Estados Unidos bajo sospecha de haber contribuido al golpe de Estado”.

¹ La concentración de poder en las manos del Presidente, según el decreto, es algo sin precedentes en la historia nacional.

O artigo é leitura obrigatória para todos e todas que queiram ter uma análise mais articulada do que sucedeu na Venezuela e que repercutiu em toda a América Latina. O texto interessa, sobretudo, aos professores e professoras do subgrupo temático América Latina, do Setor 1 do IHU que é Ética, Cultura e Cidadania. O texto, na íntegra, 10 páginas, pode ser pedido eletronicamente para a secretaria do IHU.

Golpe Neoliberal

Ainda sobre a Venezuela, assinalamos o artigo de Cristovam Buarque, “Golpe neoliberal”, publicado no jornal carioca *O Globo*, 22-4-02. Para ele, “o mundo assistiu, na Venezuela, ao ensaio do primeiro golpe neoliberal explicitamente autoritário, que poderá caracterizar a política latino-americana no século XXI”. A partir desta constatação C. Buarque analisa as três características principais do golpe venezuelano. Segundo C. Buarque, “falta nitidez nas propostas dos que não desejam esse caminho, mas sabem que o populismo não tem a resposta. De certa forma, o que está dilacerando o continente, mais visível na Argentina, é o fim das ilusões do desenvolvimentismo e do neoliberalismo democrático, ao mesmo tempo que falta poder para uma opção nítida pelo neoliberalismo autoritário com apartação ou para uma revolução, mesmo apenas bolivariana, como propõe o presidente Chávez”. Para o economista, e ex-reitor da Universidade Nacional de Brasília, e ex-governador do Distrito Federal, “A ética da semelhança impede a força dos neoliberais autoritários de Carmona; a realidade da globalização impede a revolução de Chávez. A solução para os próximos anos será de transição: é imoral escolher o caminho da exclusão social explícita, do neoliberalismo autoritário e é ingenuidade escolher a revolução nacional em um mundo globalizado. Mas é possível formular um projeto sério e ético, que, através dos orçamentos, reorienta os gastos governamentais, com responsabilidade fiscal e dentro das leis do mercado, que assegure o acesso de todos aos bens e serviços essenciais, eliminando o quadro de pobreza, sem necessidade de grandes mudanças na estrutura da economia, nem nas relações internacionais. Isso é possível tecnicamente, porque há recursos suficientes”.

ENTREVISTAS DA SEMANA

JEAN-MARIE COLOMBANI

ALAIN TOURAINE

MANUEL CASTELLS

Terremoto político: as Eleições Francesas

Aos colegas do IHU sugerimos três análises sóciopolíticas sobre o seísmo político ocasionado pelas eleições presidenciais francesas. Que repercussões este terremoto pode ter sobre a realidade político-eleitoral brasileira?

A **primeira análise** que disponibilizamos, via eletrônica, na secretaria do IHU, é o editorial do vespertino francês *Le Monde*, 22 de abril de 2002, redigido por seu diretor Jean-Marie Colombani, intitulado *La blessure*. O texto inicia assim: “A França está ferida. E para muitos franceses, humilhada”. O texto foi traduzido e publicado pelo jornal espanhol *El País*, 23 de abril. É esta tradução espanhola que disponibilizamos na secretaria do IHU.

A **segunda análise** é de Alain Touraine, publicada originalmente no jornal *Le Monde*, 23 de abril, e traduzida para o português pela *Folha de S. Paulo*, 24 de abril, sob o título *Que esquerda queremos*. Alain Touraine conclui o artigo afirmando: “Mas não nos esqueçamos nunca da escolha mais importante que precisamos fazer se quisermos que a esquerda renasça: devemos optar claramente, sem voltar atrás, entre a esquerda defensiva, apoiada no Estado e no corporativismo do setor público, cada vez menos capaz de inovação e de lutas contra a desigualdade, e, por outro lado, uma esquerda que une objetivos econômicos aos sociais, que põe, em primeiro plano, a luta contra a desigualdade e que sabe fazer com que os recursos do Estado sejam gerados por outros que não seja o aparelho estatal. É grande o perigo de que a catástrofe vivida faça aumentar o volume de todas as vozes de todos os populismos, mais ou menos embaralhados. Se o país se deixasse levar por elas, mergulharia rapidamente na crise e no caos”.

Uma **terceira análise** é de Manuel Castells, sociólogo, autor, entre outros livros, da trilogia *A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura*. No artigo intitulado *A crise do político*, publicado no jornal espanhol *El País*, 25 de abril de 2002, Manuel Castells escreve: “As eleições presidenciais francesas marcam um ponto de inflexão crise de legitimidade política que afeta tanto a Europa quanto o resto do mundo. A globalização da democracia parece conduzir à crise do político, isto é, do sistema de representação cidadã sobre o qual se baseia a democracia”. Para M. Castells, “o fenômeno Le Pen é a expressão mais espetacular e dolorosa de uma corrente mais profunda, que vai da Áustria de Haider à Itália de Berlusconi-Fini-Bossi, passando pelo progresso do populismo xenófobo da Holanda, na Dinamarca, na Noruega, na Suíça e, em formas mais embrionárias, em praticamente todos os países europeus, juntamente com o avanço de Stoiber na Alemanha. Uma olhada rápida no entorno planetário leva à constatação da decomposição do sistema político japonês, o rechaço unânime da classe política na Argentina desestabilizada pela globalização financeira, a volta do golpismo na Venezuela e a guerra civil na Colômbia. A exacerbação do ódio fundamentalista na Índia e no Paquistão, a penetração das redes criminais na maioria dos Estados africanos, a escalada da violência entre israelenses e palestinos e a tensão persistente entre as redes terroristas e o dispositivo de segurança dos EUA que leva a priorizar o estado de ordem sobre o estado da liberdade”.

E Castells conclui que “há muito de comum na crescente incapacidade das formas democráticas do Estado-nação para representar os cidadãos na gestão do global (onde reside o poder) e na preservação do local (onde vivem as pessoas)”.

Comunicações da Coordenação

Pastoral

No dia 23 de abril, a Profª . Águeda Bichels e o Ir. Vanderlei Backes foram convidados pela coordenação do IHU para serem a articuladora e o articulador do grupo temático Pastoral, do Setor 3 do IHU, Religiões, Teologia e Pastoral.

Cooperativismo

No dia 23 de abril, Derli Schmidt foi convidado pela coordenação do IHU para ser o articulador do grupo temático Cooperativismo, do Setor 2 do IHU, Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo.

ADCE

No dia 22 de abril, a coordenação do IHU recebeu a visita de José Juarez Silveira Pereira, representando a diretoria da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa – ADCE. Na ocasião, foi agendada uma palestra do coordenador do IHU na reunião-almoço da ADCE sobre o projeto Instituto Humanitas Unisinos e o *Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade*. Também se discutiu sobre a possibilidade de parceria na realização do Simpósio Internacional sobre a Água, em 2003.

AFU

No dia 22 de abril, o presidente da Associação de Funcionários da Unisinos – AFU, Alexander Penz Mendes, se reuniu com a coordenação para conhecer o projeto do IHU, contribuir na divulgação do *Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade* e da discussão sobre a ALCA e o plebiscito.

Convênio

No dia 22 de abril, a coordenação do IHU participou do coquetel de lançamento do Programa de Educação de Jovens e Adultos. O programa visa os/as trabalhadores/as da Doux Frangosul e é uma parceria da UNISINOS, da Universidade de Passo Fundo e a Escola de Ensino Supletivo Universitário. A coordenadora do Programa pela UNISINOS é a profa. Dulce Oliveira, professora do Centro de Ciências Humanas e integrante do grupo temático Trabalho do Setor Economia Solidária e Cooperativismo do IHU. Estiveram no ato, entre outros, o Reitor da UNISINOS e o prof. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas.

Doux Frangosul - Balanço Social

No ato a Doux Frangosul entregou a todos/as presentes o Relatório de Atividades Sociais 1998-2001. Na mensagem do diretor presidente da empresa, José Augusto Lima de Sá, lê-se que desde 1998, quando a Doux assumiu o controle da Frangosul, houve “um crescimento de 137% no faturamento da empresa”. Ou seja, “em 1998, a Frangosul faturou R\$ 380 milhões. Em 2001, a Doux Frangosul fechou o ano com um faturamento de R\$ 900 milhões. Nesse mesmo período, a empresa teve um crescimento físico da ordem de 60%, com a expansão de suas plantas industriais, a ampliação do número de criadores e do quadro funcional”.

CONSINOS e Farmácia Viva

No dia 24 de abril, a coordenação do IHU participou da reunião do Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio dos Sinos – CONSINOS. O presidente do Consinos é Vanderlan Carvalho de Vasconcelos, prefeito de Esteio. A reunião realizou-se na sala conecta da UNISINOS. Os municípios que integram o Consinos são: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul. A população da região é de cerca de um milhão e 300 mil habitantes. Na reunião foi distribuída a publicação **Um novo olhar sobre o Vale**, 2002, 2ª edição. Para falar com o Consinos fone: 51 590 8428; e-mail: simonem@helios.unisinos.br

O destaque da reunião foi a apresentação do Programa Farmácia Viva, coordenado pelo Pe. Clemente Steffen e profa. Virgínia Koch do Centro de Ciências da Saúde. O Programa, fundamentalmente, constitui-se de três projetos: projeto Carqueja, projeto pé-da-serra ervas e turismo rural.

Simpósio 2003

No dia 24 de abril, a coordenação do IHU se reuniu com o Prof. Dr. Leonardo Maltchik, do Programa de Pós-Graduação para discutir, entre outros assuntos, a realização do Simpósio Internacional sobre a Água no ano de 2003.

Palestina

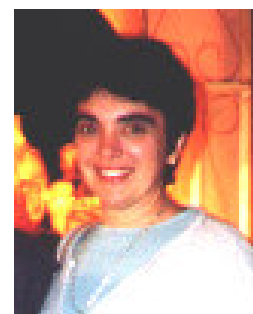
No dia 24 de abril, a coordenação do IHU esteve reunida com o José Adriano Bessa e Ibanês Mariano, chefe de gabinete e Coordenador da Bancada do PT em São Leopoldo, respectivamente, do deputado estadual Ronaldo Zulke e da Câmara de Vereadores de São Leopoldo, para discutir a realização do evento Conflito na Palestina. Uma perspectiva de Paz.

Trabalho

De 26 a 28 de abril, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, esteve ministrando o curso “As transformações do mundo do trabalho e seus desafios sócio-pastorais” para agentes de pastoral dos estados do Paraná, Minas Gerais e São Paulo. O curso foi ministrado em Itapecerica da Serra, São Paulo.



A entrevistada relâmpago desta edição é...



Ana Maria Formoso

Natural da cidade de Tacuarembó, Uruguai, Ana Maria Formoso mora no Brasil, desde 1994. Consagrada na Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado, desde 1989, Ana trabalha atualmente no Setor de Liturgia do IHU, além de desenvolver trabalhos na sua comunidade, ligados à formação de adolescentes e jovens; tanto na universidade quanto na Vila Duque, em São Leopoldo. Ana Maria é formada em Teologia pela PUCRS, desde 1999.

Origens: Nasci no interior do Uruguai, primeira de quatro irmãos. Fiz na minha cidade o primeiro e segundo grau e me mudei para Montevidéu, para cursar a Universidade.

O gosto pela Ciência: Sempre gostei muito de Biologia. Formei-me em Anatomia Patológica pela Escola de Tecnologia Médica de Montevidéu e iniciei as faculdades de Odontologia e Licenciatura de Biologia. Maravilhava-me a microbiologia: tanta vida em algo tão pequeno e perguntava-me muito sobre o Criador de tudo isso. A ciência me suscitava um questionamento religioso e existencial muito grande.

Uma experiência de fé: Estudando com uma colega da faculdade, ela me convidou a participar de um retiro na Comunidade da qual hoje faço parte. Se a ciência me tinha suscitado perguntas e admiração sobre a criação da vida, foi nesse retiro que encontrei uma resposta inesperada: a abundância de Vida numa Pessoa, Jesus Cristo. Desde aquele retiro, em 1987, o seguimento de Jesus Cristo e sua proposta foi meu sentido e referência fundamental de vida.

Momentos inesquecíveis: O dia da minha consagração e a minha vinda para o Brasil.

Brasil: Um país acolhedor, alegre. Um país onde, desde criança queria morar, desde quando vinha com meus pais, nas férias. Ao mesmo tempo, um país de muita pobreza e necessidade.

Uma paixão: Jesus Cristo e a proposta de vida que Ele faz, uma paixão de cada dia.

Nas horas livres: Busco um lugar tranqüilo para ler bons livros.

Autor: Jon Sobrino.

Livros: *Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo*, de Gustavo Gutiérrez e *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, de Viktor Frankl.

Filme que marcou: *Romero, uma história verdadeira*, de John Duigan e *Um sonho de liberdade* de Frank Darabont

UNISINOS: Um lugar que propicia e incentiva a pesquisa, a produção de conhecimento. Um espaço rico em natureza, em concentração e fluxo de pessoas. Também uma interrogação: quem são todas estas pessoas que passam nestes corredores diariamente? O que elas levam da Universidade? Que tipo de pessoas está-se formando?

IHU: Uma proposta boa. Uma tentativa de fazer com que toda a Universidade respire um espírito humano, cristão desde um ângulo acadêmico e científico.

Liturgia: O trabalho do dia-a-dia na liturgia me permite estar em contato com essa dimensão celebrativa, religiosa que toda pessoa tem. É um espaço aberto, na Universidade, para poder expressar a fé. Nos momentos de maior alegria, como são as formaturas, por exemplo, é interessante ver quanto eles querem celebrar porque chegam lá com muito sacrifício.

Vida Consagrada: Opção de vida que mais me plenifica. Forma que encontrei de fazer o maior bem possível às pessoas.

Outras atividades: Sou membro da Comissão Diocesana para a organização da Semana Teológica e leciono Teologia no Curso de Extensão de Pastoral Catequética nas Faculdades de Taquara.

Um sonho: Poder ver os adolescentes e jovens mais pobres tendo acesso à educação, ao trabalho e a uma vida cristã que os dignifique. Nesse mesmo sonho, está o poder ajudar a formar uma consciência crítica nos universitários para que abram sua vida e profissão aos que mais necessitam.

Aniversários

30/04 - Rosemari Gartner Tschiedel- Sapecca	Rose@bage	Ramal 1150
Sidinara Amaral – Secretaria Centro de Ciências Humanas.	Sidinara@poa	1101
01/05 – Otto Guilherme Konzen – Setor 2, Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo	Ottok@bage	Ramal 2190
07/05 – Lauro Dick – Núcleo UNITRABALHO	Lauro@mercurio	Ramal 1374

Cartas do Leitor

Obrigado pelo IHU On Line. Está realmente excelente! Parabéns!

Só me permitam uma pequena correção ou ERRATA: onde está escrito “Programa Grupo de Diálogo Inter-Religioso e Ecumenismo” escreva-se e leia-se “Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo”. Este passou a ser o nome oficial do Programa GDIREC. Obrigado pela atenção.

Um grande abraço.

J. Ivo Follmann

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão. Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a ihuinfo@poa.unisinos.br